

A PSICOEDUCAÇÃO COMO POSSIVEL FERRAMENTA PARA PREVENÇÃO DA PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO NO PERIODO GESTACIONAL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

PSYCHOEDUCATION AS A POSSIBLE INTERVENTION TOOL IN THE PRACTICE OF SELF-MEDICATION DURING THE GESTATIONAL PERIOD: INTEGRATIVE REVIEW

Anna Cláudia do Amparo Lirio Dias¹
Hallef Nunes Torres²
Hellen Farias Santos³
Geysa Angélica Andrade da Rocha⁴

RESUMO

A automedicação é conceituada como a prática de ingerir substâncias de ação medicamentosa sem o aconselhamento e/ou acompanhamento de um profissional de saúde qualificado. A psicoeducação é uma intervenção psicoterapêutica a qual tem como objetivo focar mais as satisfações e ambições relacionadas aos objetivos almejados pelo paciente do que uma técnica voltada para curar determinada doença. **Objetivo:** Analisar as publicações científicas acerca da ocorrência de automedicação em gestantes e a contribuição da psicoeducação na prevenção desta prática. **Metodologia:** O trabalho envolveu a busca de artigos publicados nas bases de dados: Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Eletronic Library Online (Scielo) e Público/editora MEDLINE (PubMed). Foram utilizados como critérios de inclusão artigos disponíveis na íntegra ou que fossem do tipo revisão literária, publicados na língua portuguesa e inglesa, que contenha os seguintes descritores: automedicação em gestantes, psicoeducação na automedicação em gestantes, psicoeducação e saúde, entre os períodos de 2000 a 2023. **Resultados:** Foram encontrados 32 artigos relacionados ao tema e após análise restaram apenas 4, sendo eles relacionados a pesquisas de automedicação em gestantes realizadas nos países Camarões, Itália e no Brasil; e, 1 artigo de revisão sistemática da literatura sobre como a psicoeducação pode ser aplicada ao contexto da saúde. **Considerações Finais:** Se evidencia que o simples acesso à informação aos riscos da automedicação na gravidez não se mostrou muito eficiente para uma mudança comportamental nas grávidas, sendo assim a psicoeducação mostra-se uma ferramenta muito propícia e possível para a prevenção da automedicação em gestantes, além disso, foi possível compreender a importância de um trabalho interdisciplinar envolvendo a atuação dos farmacêuticos e psicólogos na prevenção da automedicação na gestação, como também esta técnica pode ser aplicada para a conscientização dos riscos, e a necessidade dessas mulheres em se conscientizar e buscar orientação instrução a cerca de tal pratica.

PALAVRAS CHAVE

Psicoeducação. Automedicação. Gestantes. Saúde.

¹Discente do curso de Farmácia da Faculdade de Excelência UNEX de 2023 (Itabuna-BA), e-mail: anna.dias@ftc.edu.br

²Discente do curso de Psicologia da Faculdade de Excelência UNEX de 2023 (Itabuna-BA), e-mail: hallef.torres@ftc.edu.br

³ Discente do curso de Farmácia da Faculdade de Excelência UNEX de 2023 (Itabuna-BA), e-mail: hellen.santos5@ftc.edu.br

⁴ Professora Orientadora da Faculdade de Excelência UNEX de 2023 (Itabuna-BA), Psicóloga, Mestre em Políticas Públicas, e-mail: grocha.ita@ftc.edu.br

ABSTRACT

Self-medication is defined as the practice of ingesting medicinal substances without the advice and/or monitoring of a qualified health professional. Psychoeducation is a psychotherapeutic intervention which aims to focus more on the satisfactions and ambitions related to the goals sought by the patient rather than a technique aimed at curing a specific disease. **Objective:** Analyze scientific publications about the occurrence of self-medication in pregnant women and the contribution of psychoeducation to preventing this practice. **Methodology:** The work involved searching for articles published in the following databases: Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) and Público/editor MEDLINE (PubMed). The inclusion criteria were articles available in full or of the literary review type, published in Portuguese and English, containing the following descriptors: self-medication in pregnant women, psychoeducation in self-medication in pregnant women, psychoeducation and health, between the periods of 2000 to 2023. **Results:** 32 articles related to the topic were found and after analysis only 4 remained, relating to self-medication research on pregnant women carried out in Cameroon, Italy and Brazil; and, 1 systematic literature review article on how psychoeducation can be applied to the health context. **Final Considerations:** It is clear that simple access to information on the risks of self-medication during pregnancy has not proven to be very efficient for behavioral change in pregnant women, so psychoeducation is a very suitable and possible tool for preventing self-medication in pregnant women, in addition, it was possible to understand the importance of interdisciplinary work involving the role of pharmacists and psychologists in preventing self-medication during pregnancy, as well as this technique can be applied to raise awareness of the risks, and the need for these women to become aware and seek guidance and instruction about of such practice.

KEYWORD

Psychoeducation. Self-medication. Pregnant women. Heal

1 INTRODUÇÃO

A automedicação é conceituada como a prática de ingerir substâncias de ação medicamentosa sem o aconselhamento e/ou acompanhamento de um profissional de saúde qualificado (PAULO & ZANINI, 1988; OMS, 2005). Submeter-se a esta prática durante o período de gestação representa um risco considerável para a saúde materna e fetal.

A gravidez é uma fase muito importante e suscetível a vários riscos que possam colocar a vida, tanto do feto quanto da mãe, em risco, sendo fundamental o uso racional de medicamentos juntamente com o acompanhamento do profissional de saúde especializado, para garantir o bem-estar (FONSECA; VILORIA; REPETITI, 2016).

Os efeitos relacionados à exposição do feto ao medicamento vão depender da forma, frequência, dose e tempo de uso, do fármaco escolhido, da época de exposição e das individualidades da gestação; deve-se atentar que o uso equivocado e/ou errôneo pode resultar em abortamento, toxicidade e malformação fetal, além de ocasionar efeitos adversos a mãe (ROCHA *et al.*, 2013). Diante dessa complexidade, é essencial alertar as gestantes sobre os perigos associados à automedicação durante esse período sensível.

A psicoeducação é uma intervenção psicoterapêutica que tem como objetivo focar mais as satisfações e ambições relacionadas aos objetivos almejados pelo paciente do que uma técnica voltada para curar determinada doença (Authier, 1977). Sendo assim, utilização da técnica de psicoeducação torna-se mais do que necessária para o processo de conscientização psíquica e corporal no que se refere à automedicação na gestação, pois, o bem-estar da gestante se entrelaça à formação da saúde do bebê no útero, logo, a medicação como fator que altera a fisiologia, é algo muito perigoso para ser autoadministrado sem direcionamento profissional e sem ciência dos riscos e efeitos. O amplo uso de medicamentos sem orientação médica, quase sempre acompanhado do desconhecimento dos malefícios que podem causar, é apontado como uma das principais causas responsáveis pelas intoxicações humanas registradas no país (LESSA, *et al.* 2008).

Diante disso, dos riscos que a automedicação pode acarretar, o uso da psicoeducação neste processo de conscientização pode ser eficaz. Assim, o objetivo

deste trabalho é analisar as publicações científicas acerca da ocorrência de automedicação em gestantes e a contribuição da psicoeducação na prevenção desta prática.

2 METODOLOGIA

Foi realizada uma análise de artigos publicados nas seguintes bases de dados: Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Público/editora MEDLINE (PubMed). As buscas pelos artigos foram realizadas de forma padronizada, utilizando os seguintes descritores: automedicação em gestantes, psicoeducação na automedicação em gestantes, psicoeducação e saúde. Os descritores foram inseridos de forma individual. Foram utilizados como critério de inclusão: artigos disponíveis na íntegra, publicados na língua portuguesa e inglesa, entre os períodos de 2000 a 2023. Os critérios de exclusão foram teses, monografias, e artigos de estudos/pesquisas feitos em países repetidos. A seleção dos artigos se baseou nos critérios de inclusão e exclusão, eliminando os duplicados e os que não apresentaram relação direta com o tema proposto, destes 3 foram relacionados a pesquisas de automedicação em gestantes, e 1 artigo refere-se à uma revisão sistemática da literatura abordando como a psicoeducação pode ser aplicada ao contexto da saúde. Para análise os dados dos artigos selecionados foram compilados em um gráfico no modelo de Excel.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

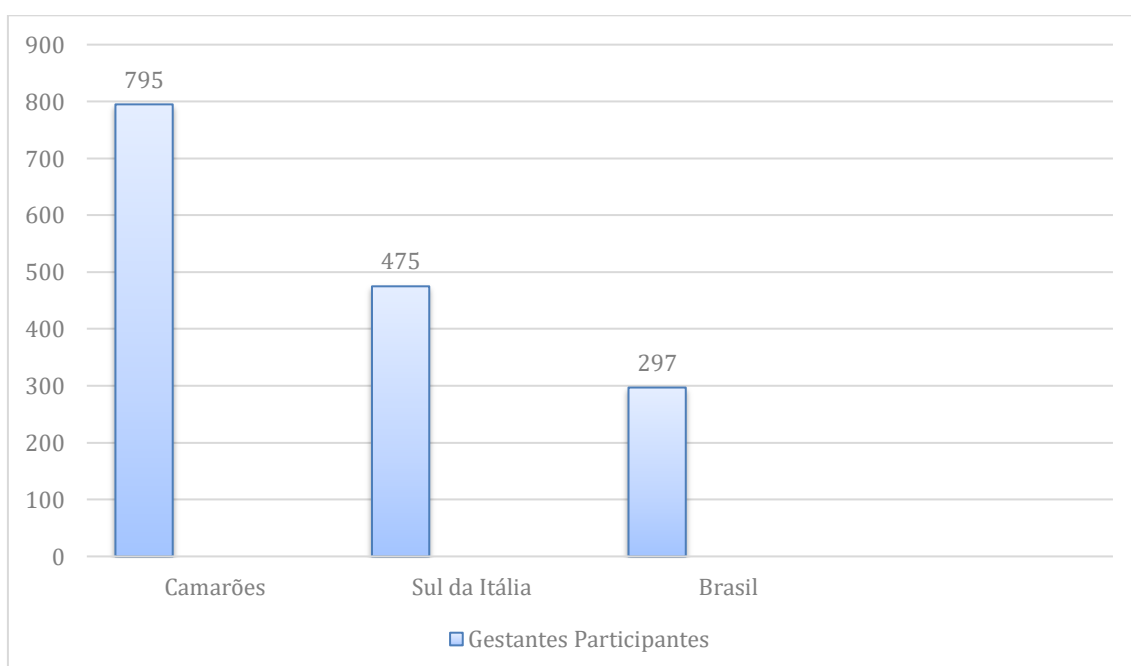
De acordo com o estudo de revisão sistemática da literatura realizada por Lemes e Neto (2015), a psicoeducação é uma técnica psicológica que pode ser aplicada em diferentes tipos de doenças, tanto físicas quanto mentais. Destaca-se que o uso da psicoeducação no âmbito da saúde engloba não somente a Psicologia, envolve outros enfoques disciplinares, visto que o conceito de saúde também permeia aspectos comportamentais, emocionais e sociais. Considerando que a maior parte das gestantes e lactantes não está adequadamente informada sobre os riscos da

utilização de medicamentos durante o período de gestação e aleitamento, a psicoeducação se faz por um modelo cuja interdisciplinaridade é uma ferramenta necessária para a intervenção.

Partindo desse contexto, esta pesquisa se pôs a observar o que levou as mulheres a se automedicarem durante o período em que estavam gestantes, para assim entender como a psicoeducação auxiliaria na prevenção deste ato.

Essa revisão literária utilizou 4 artigos, sendo 3 estudos de caso único e 1 artigo de revisão sistemática da literatura, sendo que um realizado em Itália (2018), outro em Camarões (2022), e o terceiro no Brasil (2021) assim como também a revisão de literatura publicada na cidade de Porto Alegre (2017). No geral, os 3 estudos de casos analisados retratam a ocorrência da automedicação praticada por mulheres durante a gestação e a revisão de literatura tem como objetivo investigar o uso da psicoeducação no âmbito da saúde relatando a sua aplicabilidade nas doenças físicas e mentais. De acordo com os três artigos analisados, as pesquisas ocorreram em: hospitais universitários, urbanos ou rurais e clínicas ambulatoriais de Ginecologia e Obstetrícia, foram entrevistadas um total de 1.567 gestantes, sendo 795 em Camarões, 475 no Sul da Itália e 297 no Brasil, como pode apresentado no GRÁFICO 1:

GRÁFICO 1 - Quantitativo de mulheres participantes dos estudos acerca da automedicação no período gestacional.



Fonte: Elaboração própria, 2023.

A gravidez é um período singular devido às suas características biológicas, o que torna a mulher e o feto vulneráveis a riscos significativos. Dentre esses, destaca-se o uso de medicamentos, uma vez que certos fármacos podem ser prejudiciais tanto durante a gravidez quanto durante o período de amamentação. (AMADEI *et al.*, 2011). Através da leitura dos artigos, foi possível observar que a relação entre o nível social e a escolha de se medicar sem a devida orientação médica é complexa e pode variar em diferentes contextos culturais e sociais.

Em Camarões, evidenciou-se que o nível de escolaridade estava significativamente associado à opinião das mulheres sobre a segurança dos medicamentos ortodoxos e dos fitoterápicos. No Brasil, observou-se que gestantes com ensino médio ou superior apresentaram maior probabilidade de praticar automedicação quando comparadas às gestantes com ensino fundamental, tal fato se justifica pois o Brasil é um país em desenvolvimento, no qual as pessoas podem ter acesso facilitado aos medicamentos, e, as mulheres grávidas com maior nível de escolaridade, podem se sentir mais capazes de escolher os seus próprios medicamentos.

O que fica evidente é que as contingências sociais, econômicas e, principalmente culturais são fatores que participam da construção das crenças referentes à automedicação, porém esse não é o único viés para a compreensão da complexidade de tal fato.

O processo de mudanças físicas e psicológicas que chega junto com a gestação, devido a diversas mudanças hormonais, também participam como fatores determinantes. Neste sentido, uma das principais motivações citadas nos artigos diz respeito ao incômodo que a gestação traz consigo, como: cefaleia, enxaqueca, dores nos nervos e distúrbios digestivos, no Brasil, mais da metade das mulheres entrevistadas (58,8%) relataram que as indicações mais comuns para a prática da automedicação foram cefaleia. A principal inquietação associada ao uso de fármacos durante a gravidez reside no fato de que a placenta não consegue bloquear sua passagem para o feto, quando o medicamento ultrapassa a barreira placentária, os efeitos adversos podem resultar em possíveis sequelas no desenvolvimento embrionário, sendo assim o processo da farmacocinética (absorção, distribuição,

metabolização e excreção) em mulheres grávidas é diferente de mulheres não grávidas devido alterações fisiológicas causadas pelo processo gestacional (RIBEIRO et al., 2013).

É crucial implementar políticas preventivas no cuidado às gestantes, desmistificando

certos equívocos, especialmente ao esclarecer que a prática da automedicação sem orientação pode resultar em anomalias no desenvolvimento fetal e em efeitos colaterais no recém-nascido. (OLIVEIRA et al., 2014).

Em Nápoles (Sul da Itália), 85,1% das gestantes não consideraram usar medicação sem prescrição médica: entre as preocupações foram listadas o risco ao feto e as reações adversas, este fato reflete a importância do acompanhamento de um profissional capacitado, pois 81,3% das gestantes receberam informações sobre o uso de medicamentos durante o ciclo gravídico, sendo 75,3%, das informações, advindas do médico, evitando futuras consequências advindas da prática da automedicação.

No Brasil, existe a oferta de consultas através no programa de pré-natal e mesmo assim o terceiro motivo para se automedicar foi dito como: cuidar de “um simples problema de saúde”, mostrando que mesmo que exista o acesso gratuitamente aos profissionais muitas das gestantes não procuram, por não ter entendimento da gravidade ou por praticidade, isso aponta para o fato de que apenas o acesso a essas consultas não é suficiente para prevenir a automedicação, e que as motivações intrínsecas, aquelas que surgem de dentro para fora e se relacionam como esse corpo gestante, devem ser levadas em consideração (FELDMAN, 2015).

A revisão integrativa a cerca da psicoeducação em saúde, mostra que a aplicação da psicoeducação na área da saúde não se limita à Psicologia, abrangendo também diversas disciplinas, uma vez que a saúde está intrinsecamente ligada aos aspectos comportamentais, emocionais e sociais, sendo assim esse modelo de psicoeducação opera de maneira interdisciplinar, podendo também ser passado através de diversos outros profissionais de saúde como Farmacêuticos, Dentistas e Médicos, alinhando-se ao princípio da integralidade do Sistema Único de Saúde (SUS).

A principal característica da técnica é se apropriar dos fatores ambientais e dos conteúdos sociais para adentrar na realidade do sujeito e conseguir adaptar o discurso

e intervenção para cada comunidade e sujeito atendido. E no que se refere aos processos subjetivos e o comportamento de automedicação, a técnica convoca a própria pessoa a pensar sobre os riscos da prática e implica a sua participação ativa nesse processo.

A própria psicoeducação se faz a partir de diversos construtos presentes na consciência, como: atenção, memória, motivação, percepção, pensamentos, inteligência, entre outros. É importante frisar que a inteligência é a capacidade que cada um possui para compreender o mundo, pensar racionalmente e usar recursos de maneira eficaz diante das dificuldades (FELDMAN, 2015). Porém, para que essa compreensão aconteça é preciso o uso de todos os elementos da consciência, principalmente o pensamento e a percepção, ou seja, a psicoeducação tem como efeito a mudança de pensamento que se integra, no processo cognitivo com processamento da demais informações e produz um novo modo de pensar para além da conscientização e/ou memorização de informações. Não obstante, a conscientização acontece durante o processo psicoeducacional, no entanto, há um avanço para outras etapas que culmina na capacidade do sujeito ter autonomia dos seus comportamentos, bem como a reflexão crítica sobre o mesmo.

É válido ressaltar que a psicoeducação, como uma técnica, é transdisciplinar e exige dos profissionais que utilizam-na um olhar para a integralidade do sujeito em todas as suas esferas: afetivo, social, econômica e comportamental. Devido a essa característica inerente da técnica, sua aplicação se mostrou efetiva em diversos contextos no âmbito da saúde, como Alzheimer, esquizofrenia, transtorno afetivo bipolar, câncer, hipertensão, doenças cardiovasculares e diversas outras doenças físicas e transtorno mental (LEMES & NETO, 2015). Isso revela a flexibilidade da técnica para ser aplicada em diversos contextos.

Sua aplicação se mostra eficaz no manejo das angústias e sofrimento resultante do paciente em cuidados paliativos, bem como da sua família (Alcântara *et al*, 2013), ou seja, o seu alcance é para além do paciente, mas também à sua rede de apoio e pessoas próximas. A sua eficácia também se fez presente em um estudo realizado por profissionais da gerontologia para com cuidadores de pacientes com Alzheimer. A avaliação final mostrou que a percepção psicológica e social dos cuidadores foram melhores ao final da pesquisa do que nas avaliações pré estudo (LOPES & CACHIONI 2013).

No Sul da Itália, por exemplo, local onde o uso de medicação sem prescrição ou orientação médica, se mostrou em um menor índice, foi descrito um cenário de acessibilidade ao serviço de saúde e de uma equipe preparada para o atendimento e o conhecimento das gestantes dos profissionais capacitados para orientar sobre a medicação. Entre tais profissionais o farmacêutico se fez presente, podendo orientá-las sobre como fazer a utilização das medicações prescritas, podendo assim auxiliar as gestantes para uma melhor e mais eficiente terapia, seja por meio de uma consulta no balcão, até um atendimento prestado através da atenção farmacêutica, podendo assim conscientizar a gestante dos riscos em que ela e o bebê correm em caso de ingestão de medicamentos sem devida orientação, além de instruir que procure o seu médico para que ele como responsável a oriente sobre como proceder no tratamento de seu desconforto.

O psicólogo por sua vez, é apto a analisar os fatores e determinantes sociais que atravessam o comportamento da automedicação para uma intervenção assertiva e personalizada para cada contexto. Também está em sua função, a orientação da equipe quanto a técnica, seu uso e manejo.

Em caráter interprofissional, ambas profissões exercem funções independentes, por exemplo: o psicólogo é apto a realizar oficinas que favorecem a escuta das demandas do grupo, o farmacêutico por sua vez fica responsável pela orientação do uso e controle de dispensação, mesmo assim, ambos podem realizar juntos momentos de orientação em sala de espera para auxiliar na prevenção da prática da automedicação, após esse processo podem ainda se encontrarem para cruzar as informações obtidas, além de convocar outras áreas, como médicos e enfermeiros, para que seja traçado uma estratégia abrangente, mas que corresponda às necessidades daquele contexto. Dito isto, é perceptível que trata-se não somente de um momento com a gestante, e sim de uma sequência de ações e planejamentos que se reforçam entre si e contribui para a formação da prática psicoeducacional.

Eliminar completamente a automedicação da sociedade é uma tarefa desafiadora, no entanto, existem meios eficazes para reduzi-la. Esses incluem programas de orientação tanto para profissionais de saúde quanto para a população em geral, iniciativas para incentivar a busca por profissionais médicos, o desenvolvimento de políticas públicas para aprimorar a estrutura e os recursos

humanos em todas as unidades de saúde, além de reforçar a fiscalização adequada, controlar a divulgação em propagandas e regulamentar a venda de medicamentos sem prescrição médica. Essas ações são cruciais para mitigar a prática da automedicação e minimizar os danos associados a ela.

Levando em consideração as evidências dessa técnica neste contexto das gestantes, e diante das evidências da técnica em diversos contextos da área da saúde, é de total relevância a intervenção psicoeducacional para dar suporte e apoio a essas mulheres, a fim de que para além da compreensão dos riscos e consequências da automedicação durante a gravidez e alcancem uma mudança em nível cognitivo e comportamental.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os dados contidos nos artigos analisados, a correlação existente com os determinantes ambientais e culturais os quais influenciam a automedicação em gestantes como também a eficácia da técnica da psicoeducação, pode-se notar que esse tema tão relevante carece de estudos práticos para que mais evidências sejam coletadas.

Fato relevante é que, nas bases de dados pesquisadas, em nenhum artigo publicado foi encontrado a relação empregando a psicoeducação junto á gestantes que se automedicam, porém, alguns autores dos artigos selecionados indicam a necessidade que uma nova abordagem seja usada para o manejo da automedicação em gestantes, pois trata-se de um assunto que oferece riscos potenciais ao feto e a gestantes.

Nos artigos também se evidencia que o simples acesso à informação quanto aos riscos da automedicação na gravidez não se mostrou muito eficiente para uma mudança comportamental nas grávidas, e assim sendo, a psicoeducação se mostra como uma ferramenta muito propícia e possível para o combate da automedicação em gestantes.

Com seus fundamentos baseados na psicologia, educação, filosofia, medicina entre outros, a psicoeducação se mostra utilizável pelos diversos profissionais que integram cada equipe, que reforçando ainda mais, o caráter interdisciplinar que a própria técnica já registra em suas contribuições.

REFERÊNCIAS

ALCANTRA, T. V., SHIOGA, J. E. M., LIMA, M. J. V., LAGE, A. M. V., & MAIA, A. H. N. (2013). Intervenções psicológicas na sala de espera: Estratégias no contexto da oncologia pediátrica. *Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, 16(2), 103-119.

AMADEI, S. U. et al. Prescrição medicamentosa no tratamento odontológico de grávidas e lactantes. *Revista Gaúcha de Odontologia*, Porto Alegre, v. 59, p. 31- 37, jan. - jun. 2011. Disponível em: . Acesso em: 03 de Abril de 2017.

Authier, J. (1977). The Psychoeducation Model: Definition, contemporary roots and content. *Canadian Journal of Counselling and Psychotherapy*, 12(1), 15-22. Disponível em: <https://cjc-rcc.ucalgary.ca/article/view/60143>

FELDMAN, R. S. Introdução à Psicologia. Artmed, 2015.

FONSECA, Cláudia Sampaio; VILORIA, Marlene Isabel Vargas; REPETTI, Leandro. Alterações fetais induzidas pelo uso de antiinflamatórios durante a gestação. *Ciência Rural*, v. 32, p. 529-534, 2002.

LEMES, Carina Belomé; ONDERE NETO, Jorge. Aplicações da psicoeducação no contexto da saúde. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto , v. 25, n. 1, p. 17-28, mar. 2017 . Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2017000100002&lng=pt&nrm=iso>.

Leke AZ, Dolk H, Loane M, Casson K, Maboh NM, Maeya SE, et al. (2022) Prevalência, determinantes e atitude em relação ao uso de medicamentos fitoterápicos no primeiro trimestre de gravidez nos Camarões: uma pesquisa em 20 hospitais. *PLOS Glob Saúde Pública*. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pgph.0000726>

LESSA, M. de A.; BOCHNER, R. Análise das internações hospitalares de crianças

menores de um ano relacionadas a intoxicação e efeitos adversos de medicamentos no Brasil. Revista Bras. Epidemiol, v.11, n.4, p.660–674, 2008. - <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/fHMCkBcqW4ZFj3y5bbfzmn/>

LOPES, Lais de Oliveira e CACHIONI, Meire. Cuidadores familiares de idosos com doença de Alzheimer em uma intervenção psicoeducacional. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia [online]. 2013, v. 16, n. 3, pp. 443-460. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1809-98232013000300004>>. Epub 04 Nov 2013. ISSN 1981-2256. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232013000300004>.

MCARTHUR LH, Riggs A, Uribe F, Spaulding TJ. Health Belief Model Offers Opportunities for Designing Weight Management Interventions for College Students. Journal of Nutrition Education and Behavior, v. 50, n. 4, p. 485–493, 2018. - <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29097024/>

Navaro M, Vezzosi L, Santagati G, Angelillo IF, Collaborative Working Group (2018) Conhecimento, atitudes e prática em relação ao uso de medicamentos em mulheres grávidas no sul da Itália. PLoS UM Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0198618>.

OLIVEIRA, E. C. de. et al. Atendimento odontológico a gestantes: a importância do conhecimento da saúde bucal. Revista de Iniciação Científica da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, v. 4, n. 1, p.11-23, 2014. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/iniciacaocientifica/article/view/1550>

OMS (1998). O Papel do Farmacêutico no Autocuidado e na Automedicação . [4º Grupo Consultivo da OMS sobre o papel do farmacêutico. Haia: Organização Mundial da Saúde. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/65860/WHO_DAP_98.13.pdf?sequence=1&isAllowed=y

PAULO, Luiz Gonçalves; ZANINI, Antonio Carlos. Automedicação no Brasil. AMB rev. Assoc. Med. Bras, p. 69-75, 1988. Disponível em:

<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-64037>

Pereira G, Surita FG, Ferracini AC, Madeira CdS, Oliveira LS e Mazzola PG (2021) Automedicação entre Gestantes: Prevalência e Fatores Associados. *Frente. Farmacol.* 12:659503. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fphar.2021.659503/full>

RIBEIRO, Araújo TC, Maia EM. Risco potencial do uso de medicamentos durante a gravidez e a lactação. *Revista Infarma Ciências Farmaceuticas* V. 25, Nº 1, 2013
Maia RS, Araújo TCS, Maia EMC. Aplicação da psicoeducação na saúde: revisão integrativa. *Rev. bras. psicoter.* Disponível em - <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1051547>

ROCHA, R. S.; BEZERRA, S. C.; LIMA, J. W. O.; COSTA, F. S. Consumo de medicamentos, álcool e fumo na gestação e avaliação dos riscos teratogênicos. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 34, n. 2, p. 37-45, 2013. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/11863>